



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



CECI EMANUELE DA SILVA

**COMPORTAMENTO DOS ADULTOS NA ASSISTÊNCIA EM JOGOS DE FUTSAL
INFANTIL NA REGIÃO DOS INCONFIDENTES**

OURO PRETO

2026

CECI EMANUELE DA SILVA

**COMPORTAMENTO DOS ADULTOS NA ASSISTÊNCIA EM JOGOS DE FUTSAL
INFANTIL NA REGIÃO DOS INCONFIDENTES**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da
Universidade Federal de Ouro Preto como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação
Física.

Orientador (a): Silvio Ricardo da Silva

OURO PRETO

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586c Silva, Ceci Emanuele da.
comportamento dos adultos na assistência em jogos de futsal infantil
na região dos inconfidentes. [manuscrito] / Ceci Emanuele da Silva. -
2026.
43 f.: il.: color., tab..

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo Da Silva.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola
de Educação Física. Graduação em Educação Física .

1. Futsal - Crianças. 2. Futebol-Torcedores. 3. Esporte - Educação. 4.
violência simbólica. 5. Esportes para crianças. I. Silva, Silvio Ricardo Da.
II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 612.76

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ceci Emanuele da Silva

Comportamento dos adultos na assistência em jogos de futsal infantil na região dos inconfidentes

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel

Aprovada em 02 de fevereiro de 2026

Membros da banca

Prof. Dr Silvio Ricardo da Silva - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos- Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. MS. Renato Lopes Moreira- Universidade Federal de Ouro Preto

Silvio Ricardo da Silva, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/02/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Silvio Ricardo da Silva, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, em 26/02/2026, às 12:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1065617** e o código CRC **6308F79C**.

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me apoiaram com amor e paciência; aos meus irmãos, pela força e companhia ao longo da caminhada; E a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força, sabedoria e serenidade nos momentos em que mais precisei. Por iluminar meu caminho e me permitir chegar até aqui com fé e esperança.

Aos meus pais, Marina e Milton, que são minha base e meu maior exemplo de amor. Obrigada por cada incentivo, cada palavra de apoio e cada gesto de cuidado. Nada disso seria possível sem o esforço, o carinho e a confiança de vocês.

Aos meus irmãos, companhias de vida, que estiveram ao meu lado nos dias difíceis e celebraram comigo cada pequena conquista. O amor e o apoio de vocês me motivam a ir sempre além.

Aos meus amigos, que tornaram essa jornada mais leve, alegre e possível. Obrigada por cada conversa, cada incentivo e pela presença constante.

Ao meu orientador, Silvio Ricardo, pela paciência, pela escuta atenta e pelas orientações que fortaleceram este trabalho. Sou grata por todo o conhecimento compartilhado e por ter guiado este processo com tanto comprometimento.

À Universidade Federal de Ouro Preto, em especial, a Escola de Educação Física, o Futsal da UFOP e o GEFUT-OP, por todos os aprendizados, experiências e oportunidades que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho se realizasse, deixo minha profunda gratidão.

Obrigada a todos!

“As melhores coisas da vida estão do outro lado do medo”.

(Will Smith)

RESUMO

Este estudo analisa o comportamento dos adultos presentes durante jogos de futsal infantil na região dos Inconfidentes, buscando compreender como suas manifestações interferem no ambiente esportivo das crianças. A pesquisa adota abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, utilizando observação não participante em jogos das categorias Sub-07, Sub-09 e Sub-13, registradas por meio de notas de campo padronizadas. A análise de conteúdo identifica cinco categorias predominantes de comportamento: incentivo positivo, cobrança, hostilidade, apoio emocional e neutralidade. Os resultados mostram que as ações dos adultos oscilam entre encorajamento e pressão, revelando tensões entre o caráter educativo e o caráter competitivo do esporte infantil. As manifestações mais hostis reproduzem elementos da cultura esportiva brasileira, marcada por cobranças excessivas e por expressões de violência simbólica. O estudo conclui que o comportamento da torcida atua como agente educativo, influenciando a experiência esportiva das crianças e expressando valores socioculturais presentes no futebol. Recomenda-se a ampliação de pesquisas que articulem esporte, educação e convivência social, bem como a adoção de estratégias pedagógicas que fortaleçam a formação ética e cidadã no esporte infantil.

Palavras-chave: futsal infantil; comportamento da torcida; esporte e educação; violência simbólica; iniciação esportiva.

ABSTRACT

This study analyzes the behavior of adults present during children's futsal games in the Inconfidentes region, seeking to understand how their actions interfere with the children's sporting environment. The research adopts a qualitative, descriptive, and exploratory approach, using non-participant observation in games of the Under-7, Under-9, and Under-13 categories, recorded through standardized field notes. Content analysis identifies five predominant categories of behavior: positive encouragement, demands, hostility, emotional support, and neutrality. The results show that the adults' actions oscillate between encouragement and pressure, revealing tensions between the educational and competitive aspects of children's sports. The most hostile manifestations reproduce elements of Brazilian sports culture, marked by excessive demands and expressions of symbolic violence. The study concludes that the behavior of the fans acts as an educational agent, influencing the children's sporting experience and expressing sociocultural values present in football. Further research is recommended that links sport, education, and social interaction, as well as the adoption of pedagogical strategies that strengthen ethical and civic education in children's sports.

Keywords: children's futsal; crowd behavior; sport and education; symbolic violence; sports initiation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Padrões de comportamento da torcida observados durante os jogos	28
Tabela 2 – Variações no comportamento entre homens e mulheres	30
Tabela 3 – Comportamento da torcida segundo a categoria infantil.....	31
Tabela 4 – Comportamento da torcida segundo a natureza dos jogos.....	32
Tabela 5 – Variações de comportamento da torcida quanto à instituição promotora.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. O PAPEL ATIVO DA CRIANÇA.....	14
3. O FUTSAL NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	17
4. ENVOLVIMENTO PARENTAL NO ESPORTE INFANTIL.....	19
5. TORCIDA E AMBIENTE COMPETITIVO.....	21
6. COMPORTAMENTO DA TORCIDA E PROIBIÇÕES NO FUTEBOL DE BASE	23
7. METODOLOGIA.....	25
8. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
8.1. PADRÕES DE COMPORTAMENTO DA TORCIDA OBSERVADOS DURANTE OS JOGOS.....	28
8.2. VARIAÇÕES DE COMPORTAMENTO ENTRE HOMENS E MULHERES.....	30
8.3. VARIAÇÕES DE COMPORTAMENTO CONFORME A CATEGORIA DAS CRIANÇAS	31
8.4. COMPORTAMENTO DA TORCIDA SEGUNDO A NATUREZA DOS JOGOS	32
8.5. VARIAÇÕES DE COMPORTAMENTO QUANTO À INSTITUIÇÃO PROMOTORA.....	33
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

O universo esportivo permanece como uma manifestação de destaque na escala global, exercendo uma influência significativa na vida de diversos povos. Segundo Gaya e Colaboradores (2004, p. 57) um “[...] componente cultural de significativa importância na vida de todos os povos, [...]”, isto é, tornou-se um patrimônio cultural da humanidade e um direito do cidadão. O esporte, como fenômeno cultural, ultrapassa fronteiras nacionais, desempenhando um papel fundamental na formação de identidade social e no desenvolvimento de valores culturais (DANTAS, 2010).

No contexto brasileiro, o futsal ocupa posição de destaque, sendo reconhecido internacionalmente pela formação e exportação de atletas de alto rendimento. A modalidade apresenta ampla adesão no país, figurando entre as práticas esportivas mais difundidas, especialmente entre crianças e adolescentes. Dados recentes indicam o crescimento do interesse e da audiência da modalidade no cenário nacional, ampliando sua visibilidade e alcance social (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2015; GLOBO ESPORTE, 2023). Tal expansão reforça o futsal como importante espaço de socialização, formação esportiva e construção de experiências coletivas.

Ao relacionarmos o público infantil ao esporte, é necessário que seja destacado um fator de grande relevância no contexto da vida esportiva das crianças: a prática esportiva como forma de lazer. Para a maioria das crianças, a prática do futsal vai além do treinamento físico e competitivo, configurando-se como uma atividade lúdica essencial ao desenvolvimento integral (Melo & Souza, 2018). Segundo Bracht (2011), o esporte, enquanto fenômeno cultural, deve ser compreendido em sua dimensão lúdica, contribuindo para a formação social, emocional e motora das crianças. Nesse sentido, a prática do futsal se configura como uma forma de contribuir não apenas para o desenvolvimento físico, mas também para o fortalecimento da autoestima e do senso de pertencimento social.

No entanto, além dos aspectos relacionados diretamente aos praticantes, há um contexto paralelo que envolve os torcedores, particularmente os adultos, que acompanham e prestam assistência durante os jogos. Estudos demonstram que o comportamento dos adultos durante atividades esportivas infantis pode influenciar significativamente a experiência das crianças, podendo tanto estimular o prazer pela prática quanto gerar pressão excessiva (Costa, 2017). Participar de projetos de iniciação esportiva e praticar a modalidade de futsal, me fez observar

constantemente o comportamento dos adultos, principalmente os pais e responsáveis, em jogos de crianças e adolescentes, e considerar que é um fenômeno que merece atenção e análise. Por exemplo, em diversos momentos presenciei torcedores incentivando a vitória, cobrando resultados de forma desproporcional para a faixa etária dos praticantes. Em outros momentos, presenciei discussões entre responsáveis na arquibancada ou até mesmo interações negativas com os jogadores. Por outro lado, também observamos exemplos positivos, como torcedores que apoiaram as crianças com palavras de incentivo, independentemente do resultado, promovendo um clima de diversão e aprendizado, que é essencial no esporte infantil.

A partir disso, alguns questionamentos surgem ao pensar essa pesquisa, entre eles: (1) há uma regularidade no comportamento dos adultos na assistência dos jogos de futsal infantil? (2) Há diferenças no comportamento de homens e mulheres? (3) O comportamento dos adultos é diferenciado em relação à categoria em que a criança joga, ou em relação à natureza da competição (se é um amistoso ou um campeonato)? (4) Existem diferenças no comportamento dos adultos se as partidas são promovidas por instituições escolares, ou clubes privados ou escolinhas? Essas questões indicam a relevância e a complexidade do tema, o que justifica a necessidade de uma análise mais profunda.

Este estudo se insere no campo da educação física, sendo relevante tanto para o desenvolvimento teórico quanto para a prática pedagógica. Ao explorar a atitude dos adultos, este trabalho contribui para o aprimoramento dos conhecimentos de professores, treinadores e outros profissionais envolvidos na formação esportiva de crianças e adolescentes (Diniz & Pereira, 2014). Ao mesmo tempo, oferece subsídios para a melhoria das condições de desenvolvimento esportivo e social para essa faixa etária, destacando a importância de um ambiente que contribua para o bom desenvolvimento individual e social, ampliando assim as possibilidades de formação das crianças e jovens.

2. O PAPEL ATIVO DA CRIANÇA

A infância é considerada uma etapa central do ciclo vital, marcada por intensos processos de desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e social. As experiências vividas nesse período contribuem diretamente para a formação de características individuais e para o desenvolvimento de aptidões que repercutirão nas fases posteriores da vida (Krebs; Copetti; Beltrame, 2000).

Entre essas experiências, a brincadeira ocupa lugar de destaque, sendo reconhecida por diversos estudos como prática comum a diferentes culturas e de grande importância para o desenvolvimento humano (Caillios, 1990; Carvalho; Pontes, 2003; Huizinga, 1990; Winnicott, 1975). Nessa mesma perspectiva, Bichara (1994) e Bjorklund (1997) apontam que brincar constitui parte essencial do repertório comportamental da espécie humana, seja por meio do uso de instrumentos, como brinquedos, ou pela imaginação e simbolização.

O brincar manifesta-se de forma mais intensa durante a infância e representa um recurso fundamental para o desenvolvimento da cognição e da criatividade das crianças. Segundo Winnicott (1975, p. 63), “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação”. Para o autor, o brincar é, por si só, uma forma de terapia, pois promove crescimento, favorece relacionamentos em grupo e pode até mesmo funcionar como recurso de comunicação em processos psicoterapêuticos.

Assim, o brincar não deve ser entendido apenas como entretenimento, mas como linguagem própria da infância, que possibilita aprendizado, expressão e desenvolvimento integral. No contexto esportivo, o elemento lúdico assume importância ainda maior, pois além de estimular o prazer na prática, auxilia as crianças a lidarem com desafios, frustrações e interações sociais, funcionando como um contraponto saudável às pressões externas, inclusive da torcida.

Carvalho (1987) destaca a importância das experiências esportivas na infância como espaços de prazer e de adesão voluntária, nos quais a criança é colocada como protagonista de suas ações. Nessa perspectiva, o esporte infantil não deve ser apenas conduzido pelo educador, mas deve permitir que a própria criança atribua significado ao gesto esportivo, favorecendo uma atitude ativa no processo de iniciação. Essa autonomia contribui para o desenvolvimento da criatividade, da espontaneidade e da apropriação do próprio corpo, além de despertar desde cedo a consciência sobre suas capacidades e necessidades de cuidado.

Outro aspecto relevante da iniciação esportiva infantil é o caráter de socialização, possibilitado sobretudo pelas práticas coletivas. Boixadós, Mimbreno e Cruz (1998) apontam que o ambiente social da prática esportiva desempenha papel decisivo nesse processo, sendo influenciado diretamente pelos agentes de socialização, como a estrutura e a filosofia dos programas, o treinador e, de modo especial, a família. Esses fatores podem determinar se a experiência esportiva será positiva, incentivando a permanência da criança, ou negativa, gerando sentimento de frustração e abandono precoce.

Nesse sentido, Krebs, Copetti e Beltrame (2000) ressaltam que o desenvolvimento infantil é resultado de múltiplos fatores contextuais, como alimentação, proteção física, estímulos psíquicos e culturais, que se articulam com o ambiente de prática esportiva. Assim, a atividade física e o esporte tornam-se elementos centrais nos microsistemas de socialização da criança, como escola, clubes, projetos sociais e escolinhas. Entretanto, para que esse processo cumpra sua função formativa, é necessário que o ambiente esportivo seja acolhedor e lúdico, e não marcado por pressões externas, como cobranças excessivas de treinadores ou manifestações hostis da torcida.

Compreender a criança como sujeito ativo de sua experiência esportiva é essencial para analisar como os adultos, especialmente nos jogos, podem reforçar ou inibir esse protagonismo. Entretanto, no cenário contemporâneo do esporte, observa-se que a criança vem sendo progressivamente percebida não apenas como praticante ou aprendiz, mas como atleta em formação, ou mesmo como “mini-atleta”. Essa mudança de perspectiva tende a deslocar o foco do esporte infantil, originalmente centrado no brincar, na aprendizagem e na vivência lúdica, para uma lógica orientada pelo rendimento, desempenho e resultados.

Quando a criança passa a ser tratada como potencial atleta de alto rendimento, ainda que em fases iniciais de desenvolvimento, intensificam-se as expectativas familiares e sociais em torno de sua performance. Tal movimento pode antecipar exigências típicas do esporte profissional, inserindo a criança em dinâmicas de cobrança, comparação e pressão por resultados. Nesse contexto, o protagonismo infantil corre o risco de ser substituído por uma lógica adultocêntrica, na qual o jogo deixa de ser espaço de experimentação e passa a ser compreendido como espaço de avaliação.

Essa compreensão é especialmente relevante para o presente estudo, pois a maneira como a criança é percebida, como sujeito em desenvolvimento ou como mini-atleta, influencia diretamente as manifestações dos adultos na arquibancada. Quando predomina a expectativa de rendimento, tornam-se mais frequentes falas de cobrança, críticas técnicas e manifestações de insatisfação, deslocando o caráter educativo do esporte infantil para uma lógica competitiva antecipada.

3. O FUTSAL NO CONTEXTO BRASILEIRO

O futsal, também denominado futebol de salão, constitui uma modalidade esportiva coletiva que guarda estreita relação estrutural e simbólica com o futebol de campo. Embora apresente regras específicas, número reduzido de jogadores e dimensões espaciais próprias, o futsal compartilha com o futebol elementos centrais de sua lógica de jogo, como a dinâmica ofensiva e defensiva, a valorização do talento individual e a centralidade do gol como objetivo principal da disputa. Para além das semelhanças técnicas, ambas as modalidades estão profundamente imbricadas no contexto cultural brasileiro.

Quanto à sua origem, existem duas versões amplamente difundidas. Uma delas indica que o futebol de salão passou a ser praticado na década de 1940 por frequentadores da Associação Cristã de Moços (ACM), em São Paulo, que, diante da dificuldade de acesso aos campos de futebol nas grandes cidades, adaptaram o jogo às quadras de basquete e hóquei. A outra versão, considerada a mais provável, atribui sua criação ao professor Juan Carlos Ceriani, em 1934, na Associação Cristã de Moços de Montevideú, no Uruguai, sob a denominação “Indoor-foot-ball” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO, 2025). Independentemente da versão adotada, é possível afirmar que o futsal surge como adaptação do futebol às condições urbanas, caracterizando-se desde sua origem como modalidade vinculada à realidade dos centros urbanos.

A difusão do futsal no Brasil ocorre de maneira mais intensa a partir da década de 1950, período marcado por profundas transformações econômicas e sociais. O processo de industrialização e urbanização acelerada alterou significativamente a organização das cidades brasileiras, ampliando a concentração populacional nos espaços urbanos e redefinindo as formas de lazer e sociabilidade. A redução de áreas livres para práticas esportivas e a expansão de escolas, clubes recreativos e associações favoreceram o desenvolvimento de modalidades adaptadas a espaços menores, como o futsal.

Paralelamente, o futebol de campo consolidava-se como principal espetáculo esportivo do país. Inicialmente introduzido no final do século XIX como prática elitizada, o futebol passou, ao longo do século XX, por um processo de popularização que o transformou em elemento central da identidade cultural brasileira. A expansão do rádio e, posteriormente, da televisão, inseriu o futebol na lógica da indústria cultural, ampliando sua dimensão midiática e comercial. A organização de campeonatos nacionais, a profissionalização dos atletas e a crescente mercantilização do esporte reforçaram a centralidade do rendimento e do resultado.

Nesse contexto, o futsal não se desenvolve de forma isolada, mas como extensão da cultura futebolística nacional. Ao mesmo tempo em que se institucionaliza, com a criação de federações e campeonatos, como a fundação, em 1954, da Federação Metropolitana de Futebol de Salão (FMFS), posteriormente vinculada à estrutura que culminaria na Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), a modalidade absorve valores e práticas já consolidados no futebol de campo. Assim, herda não apenas a estrutura organizacional, mas também elementos simbólicos como rivalidade, competitividade intensa e forte envolvimento emocional de atletas e torcedores.

A expansão do futsal nas escolas, clubes e projetos sociais reforçou sua inserção no cotidiano da infância e da adolescência brasileiras, tornando-se uma das modalidades mais praticadas no país (TODAMATERIA, 2025). Em muitos casos, passou a ser compreendido como etapa inicial da formação de futuros jogadores de futebol de campo, funcionando como espaço de desenvolvimento técnico e visibilidade esportiva. Tal percepção contribuiu para a incorporação precoce da lógica do rendimento nas categorias de base.

Dessa forma, o futsal brasileiro configura-se não apenas como modalidade esportiva autônoma, mas como fenômeno cultural profundamente vinculado ao futebol de campo e às transformações urbanas e industriais do país. Ao compartilhar essa matriz histórica e simbólica, o futsal reproduz, ainda que em escala reduzida, aspectos da cultura futebolística brasileira, inclusive no que se refere às manifestações passionais e, por vezes, tensionadas presentes nas arquibancadas. Compreender essa herança cultural é fundamental para analisar os comportamentos observados nos jogos infantis, uma vez que as atitudes dos adultos frequentemente refletem padrões consolidados no futebol profissional.

4. ENVOLVIMENTO PARENTAL NO ESPORTE INFANTIL

O desenvolvimento esportivo é influenciado tanto por fatores pessoais, como motivação e objetivos individuais, quanto por fatores contextuais, a exemplo das exigências do treinamento e da competição, das cobranças, dos acompanhamentos e dos incentivos provenientes de dirigentes, treinadores, colegas e familiares (Folle *et al.*, 2018).

De acordo com Vilane e Samulski (2002), a família desempenha papel importante na carreira do atleta, oferecendo encorajamento, afeto e suporte necessários durante toda a trajetória esportiva. No entanto, a influência familiar também pode assumir aspectos negativos. Exigências excessivas e cobranças rigorosas podem gerar regras inflexíveis e expectativas irreais, prejudicando o bem-estar do atleta.

Ainda conforme os mesmos autores, a participação familiar, quando exercida de forma excessiva ou ineficaz, pode impactar negativamente o desenvolvimento esportivo (Vilane & Samulski, 2002). Para Fonseca e Stela (2015), o incentivo familiar durante a infância é fundamental para o sucesso esportivo, uma vez que a família constitui o ambiente social primário em que a criança desenvolve suas potencialidades. A qualidade dos estímulos e o exemplo dos pais variam em termos de engajamento, representando a principal força de influência sobre os filhos.

O apoio adulto é essencial para que as crianças construam autoestima, autocontrole e consciência. Isso demonstra que o mundo dos adultos exerce impacto efetivo sobre a vida esportiva infantil, contribuindo para a formação de futuros atletas de alto rendimento (Fonseca & Stela, 2015). Nessa perspectiva, Verardi e De Marco (2007) destacam que a presença dos pais nos jogos influencia diretamente o desenvolvimento psicológico da criança. O modo como os pais interagem em casa se reflete também no convívio social, afetando o comportamento da criança na escola e no esporte, e influenciando, assim, sua permanência, prazer e perspectiva em relação à modalidade praticada.

Torregrosa *et al.* (2008) reforçam que, ao receber apoio e aprovação parental, os atletas experimentam prazer e satisfação com a prática esportiva, sentindo-se mais encorajados e motivados a se comprometer. Em contrapartida, a pressão excessiva pode comprometer a experiência esportiva, tornando-a insalubre.

Nesse sentido, Almeida e Souza (2016) alertam para os efeitos negativos do interesse financeiro dos pais sobre a carreira dos filhos atletas. Muitas vezes, o reconhecimento familiar pauta-se na compensação econômica desejada, o que reforça a necessidade de equilíbrio entre o interesse dos pais e a autonomia do treinador, evitando a projeção de objetivos pessoais no desempenho esportivo dos filhos (Delforge & Le Scanff, 2006; Nunomura & Oliveira, 2014).

Por outro lado, Fonseca e Stela (2015) defendem que o incentivo familiar constitui a base para um ambiente saudável e seguro, capaz de potencializar o desenvolvimento dos atletas. Além da motivação, os pais reconhecem que o esporte contribui para a formação de valores éticos, responsabilidade, compromisso, cooperação e respeito à autoridade, bem como para o fortalecimento de vínculos sociais e pessoais (Neely & Holt, 2014).

Assim, os mesmos autores concluem que o papel dos pais é crucial, especialmente durante a infância, já que sua participação enriquece as experiências esportivas e favorece a permanência dos jovens no esporte. Nesse sentido, Folle et al. (2018) destacam a necessidade de considerar variáveis mediadoras no processo de análise da influência familiar, como valores educacionais, número de membros da família, nível socioeconômico e escolaridade, além das experiências esportivas anteriores. Tais fatores moldam as concepções familiares sobre o significado e o papel do esporte na vida dos atletas em formação.

Na mesma linha, Alves e Becker (2021) identificaram que o envolvimento parental pode contribuir significativamente para o desempenho esportivo, favorecendo tanto o processo de socialização quanto a integração familiar por meio da partilha de conquistas, desafios e momentos de lazer. No entanto, os autores também observaram que cobranças e expectativas excessivas prejudicam o desempenho dos filhos, trazendo impactos negativos no campo emocional e familiar. Além disso, verificaram que a ausência dos pais, seja no suporte emocional, financeiro ou presencial, pode representar um grande obstáculo para a continuidade das atividades esportivas.

O estudo de Alves e Becker (2021) evidencia, portanto, os dois lados do envolvimento familiar no esporte: enquanto a participação equilibrada pode fortalecer o desenvolvimento esportivo e social, a ausência ou o excesso de pressão podem desestruturar a relação do atleta com a prática esportiva.

5. TORCIDA E AMBIENTE COMPETITIVO

O contexto esportivo contemporâneo evidencia a presença cada vez mais marcante da torcida, que ocupa papel determinante no ambiente competitivo. Esses espectadores, sejam eles apaixonados ou meros curiosos pelo esporte, podem contribuir de forma direta para o desempenho dos atletas, ora reforçando sentimentos de motivação por meio de aplausos e incentivos, ora intensificando a pressão e a frustração através de críticas, vaias e manifestações hostis (Cratty, 1984).

Segundo Cratty (1984), a atuação do atleta nunca deixa de sofrer influência do ambiente em que está inserido, especialmente da presença de uma assistência. O autor destaca que diferentes fatores interagem continuamente no contexto esportivo, entre eles os olhares e avaliações de colegas de equipe, do técnico, da família e do público que acompanha a prática esportiva.

Avançando nessa discussão, Giulianotti (2002) propõe uma taxonomia contemporânea das identidades torcedoras, classificando os espectadores em *supporters*, *fans*, *followers* e *flâneurs*, a partir de duas dimensões centrais: o grau de envolvimento emocional com o esporte e a natureza da identificação estabelecida com o clube ou evento esportivo. Essa classificação permite compreender que os modos de torcer variam conforme a intensidade do vínculo, o nível de participação e a relação simbólica construída com a prática esportiva, indo além da simples presença física nas arquibancadas.

No contexto brasileiro, Ferreira (2017) complementa essa abordagem ao analisar o estádio como um espaço de produção de diferentes territorialidades torcedoras. O autor evidencia que as formas de ocupação, os discursos e os comportamentos dos torcedores revelam distintos modos de pertencimento e interação social, influenciados por fatores culturais, institucionais e organizacionais. Tal perspectiva contribui para compreender a torcida como um agente ativo na construção do ambiente esportivo.

Machado (1997) amplia essa compreensão ao indicar que diferentes perfis de torcedores podem impactar diretamente o estado emocional e o desempenho esportivo. Em alguns casos, manifestações negativas chegam a desequilibrar o atleta, gerando ansiedade e perda de controle da situação. Essa vulnerabilidade é ainda mais evidente em crianças e jovens, cuja personalidade esportiva está em formação e apresenta menor capacidade de lidar com a pressão das arquibancadas (Filgueira; Schwartz, 2007).

Autores como Butt (1987) ressaltam que a personalidade do atleta é determinante na forma como ele reage aos aplausos ou vaias, mas, conforme apontam Filgueira e Schwartz (2007), quanto mais jovem e inexperiente for o atleta, maior tende a ser o impacto da torcida sobre seu comportamento. Isso explica por que no esporte infantil observam-se tanto sentimentos positivos (orgulho, motivação, sensação de competência) quanto negativos (medo, abatimento e sensação de fracasso).

Becker Jr. (2000) acrescenta que a simples presença de pessoas acompanhando os jogos, sejam familiares ou torcidas organizadas, já é suficiente para alterar a qualidade e a intensidade do desempenho dos atletas. Do mesmo modo, Machado (2001) destacou que jogadores frequentemente buscam a manifestação da torcida como recurso motivacional, demonstrando a importância das interações simbólicas entre arquibancada e quadra.

Contudo, a torcida não se limita a manifestações de apoio. Ela também pode agir com hostilidade, utilizando palavras ofensivas e depreciativas, capazes de provocar emoções negativas, como revolta, insegurança ou até desmotivação. Para Samulski (2002), a torcida configura-se como uma variável significativa para o surgimento de comportamentos agressivos no esporte, enquanto Rúbio (2000) resalta que a concentração e a atenção do atleta também podem ser comprometidas pela pressão exercida pelos torcedores.

Em síntese, o comportamento da torcida constitui-se em uma força social complexa, que pode tanto estimular quanto prejudicar o desempenho esportivo. Como destaca Cratty (1984), cabe ao atleta desenvolver estratégias de adaptação para absorver os aspectos positivos das manifestações da torcida, ao mesmo tempo em que neutraliza os efeitos negativos. No caso do esporte infantil, essa adaptação é ainda mais delicada, uma vez que crianças e adolescentes estão em processo de formação e são altamente sensíveis à forma como o público se manifesta. Assim, compreender o comportamento da torcida é fundamental para garantir que o ambiente esportivo cumpra seu papel educativo e formativo, em vez de se tornar uma fonte de pressão e sofrimento.

6. COMPORTAMENTO DA TORCIDA E PROIBIÇÕES NO FUTEBOL DE BASE

O comportamento da torcida em arquibancadas de jogos de futebol infantil tem sido alvo de crescente preocupação no Brasil. Embora a presença de familiares e responsáveis seja frequentemente associada ao apoio e incentivo às crianças, diversos episódios recentes evidenciam que tais manifestações, em muitos casos, extrapolam os limites do respeito e da convivência saudável. Insultos contra árbitros, técnicos e até mesmo contra os próprios jovens atletas tornaram-se recorrentes, revelando uma face hostil da participação dos adultos nos espaços de formação esportiva (CNN Brasil, 2024; Trivela, 2024).

Diante desse cenário, a Federação Paulista de Futebol (FPF) implementou a medida denominada “Pais de Castigo”, proibindo a entrada de torcedores nos jogos das categorias Sub-11 e Sub-12 em rodadas específicas, após registros de insultos raciais, homofóbicos e gordofóbicos vindos das arquibancadas (CNN Brasil, 2024). De forma semelhante, a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) estabeleceu um Protocolo de Ação contra a Violência Verbal, prevendo advertências, paralisação e até encerramento das partidas em casos de manifestações hostis (Trivela, 2024).

Essas medidas foram justificadas pela necessidade de proteger crianças e adolescentes que, ao invés de vivenciarem o esporte como experiência educativa e prazerosa, têm relatado sentimentos de ansiedade e desconforto diante das atitudes da torcida. Relatos de jovens atletas evidenciam a ambivalência desse fenômeno. Em entrevista, uma criança destacou: “Eu gosto quando meus pais estão na arquibancada, mas às vezes eles brigam com o juiz e isso me deixa com medo de errar” (CNN Brasil, 2024).

Outro jovem jogador, ao refletir sobre os gritos vindos da arquibancada, afirmou: “É legal ouvir eles gritando o meu nome, mas quando começam a xingar o time, eu fico triste porque parece que a gente nunca está jogando bem o suficiente” (Trivela, 2024).

Em situações ainda mais críticas, crianças expressaram frustração quanto à perda do sentido lúdico do jogo: “A gente só quer jogar e se divertir, mas quando eles brigam na arquibancada parece que o jogo não é mais para a gente” (Observatório Social do Futebol, 2024).

Essas falas revelam como a torcida, ao mesmo tempo em que pode representar apoio, frequentemente se transforma em fonte de pressão emocional e ambiente hostil. No caso do

futsal de base, onde os atletas ainda estão em processo de desenvolvimento físico, social e psicológico, tais manifestações podem comprometer não apenas o desempenho esportivo, mas também a permanência e o prazer na prática esportiva.

Portanto, as proibições e protocolos recentemente adotados por federações não devem ser compreendidos apenas como medidas punitivas, mas como tentativas de restabelecer o caráter educativo e saudável do esporte infantil. Ao limitar a interferência negativa da torcida, busca-se preservar o espaço de formação das crianças, garantindo que o jogo mantenha seu sentido lúdico e formativo.

7. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória, buscando compreender o comportamento dos adultos durante os jogos de futsal infantil na região dos Inconfidentes. De acordo com Gil (2008), pesquisas qualitativas permitem analisar fenômenos em profundidade, considerando as percepções, discursos e comportamentos dos sujeitos em seus contextos sociais.

A coleta foi realizada no período de agosto a dezembro de 2025, a escolha dos jogos se deu de maneira aleatória em diferentes locais de Ouro Preto, Mariana e Itabirito, respeitando as categorias selecionadas para pesquisa (Sub 07¹, Sub 09² e Sub 13³). A seleção dos eventos observados considerou diferentes tipos de competição (amistosos e campeonatos) e instituições promotoras (escolas, clubes privados e escolinhas de projetos sociais de futsal). No total, foram observados 30 jogos, 10 jogos de cada categoria, sendo 5 amistosos e 5 válidos por campeonatos, o que permitiu comparar manifestações em contextos competitivos distintos. Atendendo às recomendações do Comitê de Ética, não foram registrados ou divulgados locais específicos ou nomes das equipes, garantindo maior proteção aos participantes e às instituições envolvidas.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi à observação não participante, na qual o pesquisador registrou, em formato de notas de campo padronizadas, os comportamentos manifestados pelos adultos durante os jogos. Segundo Angrosino (2009), a observação direta possibilita captar interações sociais em sua espontaneidade, permitindo identificar padrões e nuances de comportamento.

As notas de campo incluíram descrições detalhadas de falas, gestos e atitudes dos torcedores, priorizando manifestações direcionadas às crianças, à arbitragem, aos técnicos e ao próprio coletivo de pais. Cada registro foi acompanhado de informações contextuais (categoria, instituição e tipo de competição).

Para análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), que consiste em três etapas: (1) pré-análise; (2) exploração do material; e (3) tratamento, inferência e interpretação. As falas e comportamentos foram categorizados em eixos temáticos,

¹ Crianças com idade entre 6 e 7 anos.

² Crianças com idade entre 7 e 9 anos.

³ Crianças com idade entre 11 e 13 anos.

como incentivo positivo, cobrança, hostilidade, apoio afetivo e neutralidade. Posteriormente, buscou-se verificar variações desses comportamentos conforme as variáveis investigadas (gênero, categoria etária, natureza da competição e instituição promotora).

Do ponto de vista ético, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e aprovada sob o parecer nº 8.025.207. Considerando que a coleta de dados ocorreu em ambiente público e que não houve identificação dos participantes, foi concedida dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dessa forma, assegurou-se o cumprimento dos princípios éticos previstos na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

8. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta e discute os resultados obtidos a partir das observações realizadas em jogos de futsal infantil na região dos Inconfidentes (Ouro Preto, Mariana e Itabirito). A análise concentrou-se no comportamento de adultos, especialmente pais e responsáveis, presentes nos jogos, buscando identificar padrões de comportamento, diferenças entre homens e mulheres, variações relacionadas à categoria etária das crianças, à natureza das competições (amistosos ou campeonatos) e ao tipo de instituição promotora. Os dados são discutidos à luz de estudos sobre esporte infantil, socialização, torcida e violência no futebol.

8.1.PADRÕES DE COMPORTAMENTO DA TORCIDA OBSERVADOS DURANTE OS JOGOS

A análise das observações realizadas em jogos das categorias Sub-07, Sub-09 e Sub-13 permitiu compreender que o comportamento da torcida adulta nos espaços de competição infantil apresenta ambiguidade: de um lado, há manifestações de incentivo e apoio; de outro, expressões de hostilidade, cobrança e tensão emocional. Essa dualidade reflete a forma como o futebol brasileiro, mesmo nas categorias de base, é atravessado por uma cultura de competitividade e resultados, muitas vezes reproduzida pelos próprios familiares durante os jogos.

As observações realizadas foram organizadas em categorias temáticas, conforme a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), sintetizadas na Tabela 1. Essa categorização permitiu identificar as principais formas de manifestação da torcida durante os jogos, bem como suas variações em intensidade e intencionalidade.

Tabela 1 – Padrões de comportamento da torcida observados durante os jogos

Categoria	Descrição	Exemplos de falas
Incentivo positivo	Manifestação de apoio e valorização do esforço das crianças durante o jogo.	“Boa jogada, isso mesmo!” / “Vamos lá, vocês estão indo bem!”
Cobrança e pressão	Expectativas exageradas e críticas diretas ao desempenho das crianças ou da equipe.	“Já falei que tem que marcar melhor!” / “Esse time é fraco demais!”
Hostilidade	Expressões agressivas ou desrespeitosas, direcionadas a árbitros, técnicos ou adversários.	“Juiz, você é uma vergonha!” / “Acaba logo o jogo juiz, seu ladrão!”
Apoio emocional	Falas de conforto e incentivo após erros, buscando preservar o aspecto lúdico e o bem-estar da criança.	“Tá tudo bem, filho, continua jogando!” / “Não tem problema errar, o importante é tentar!”
Neutralidade	Presença silenciosa, observação passiva sem manifestações verbais significativas.	Torcedores que assistiam sem verbalizar opiniões ou reações.

Fonte: Elaboração própria (2025), com base nas observações de campo realizadas nos jogos de futsal infantil.

Durante as observações, foram registradas falas que demonstraram um comportamento incentivador e afetivo, como a de uma mulher que dizia: “Boa jogada, isso mesmo!”, ou de um senhor que aconselhava: “Você está indo bem, só precisa pensar antes de chutar.” Esses discursos positivos são compatíveis com o papel educativo do esporte e o valor formativo das experiências coletivas, reforçando o potencial do futsal infantil como espaço de socialização e desenvolvimento de competências socioemocionais (Carvalho, 1987; Boixadós et al., 1998).

Contudo, também foram observadas manifestações de hostilidade e cobrança, como: “Juiz, você é uma vergonha” ou “Esse time é fraco demais, lamentável!”, demonstrando que parte da torcida assume postura semelhante à de jogos profissionais, reproduzindo práticas de pressão e julgamento. Segundo Maurício Murad (2017), a violência simbólica no futebol ultrapassa os limites físicos e se expressa de forma cotidiana por meio de insultos, ironias e discursos de superioridade, elementos que são naturalizados como “parte do jogo”.

8.2.VARIAÇÕES DE COMPORTAMENTO ENTRE HOMENS E MULHERES

A análise das observações revelou diferenças significativas nas manifestações comportamentais de homens e mulheres durante os jogos. Embora ambos os grupos participem ativamente do ambiente esportivo, as formas de expressão e intervenção apresentaram características distintas.

Tabela 2 – Variações no comportamento entre homens e mulheres

Gênero predominante	Características observadas	Exemplos de falas
Homens	Tom mais intenso e diretivo	“Marca direito” / “Tem que correr mais!”
Mulheres	Apoio emocional e incentivo	“Calma, tá tudo bem” / “Você consegue!”

Fonte: Elaboração própria (2025), com base nas observações de campo realizadas nos jogos de futsal infantil.

De modo geral, as manifestações masculinas mostraram-se mais intensas e diretas, especialmente nas situações de erro das crianças, enquanto as mulheres demonstraram maior frequência de incentivos verbais positivos e apoio emocional.

Filgueira e Schwartz (2007), apontam que o envolvimento familiar no esporte pode assumir formas distintas, variando entre apoio afetivo e pressão por resultados. No caso observado, as manifestações masculinas mostraram-se mais associadas à cobrança por desempenho, enquanto as femininas estiveram mais ligadas à mediação emocional da experiência esportiva.

Esses resultados dialogam com Reis (2006), ao apontar que a organização do espetáculo futebolístico influencia diretamente o comportamento dos espectadores, reforçando padrões de masculinidade associados à agressividade, à cobrança e à centralidade do resultado. No contexto observado, tais padrões emergem mesmo em jogos infantis, evidenciando como a arquibancada funciona como espaço de reprodução cultural do ambiente adulto.

8.3.COMPORTAMENTO DA TORCIDA SEGUNDO A CATEGORIA INFANTIL

As observações indicam que, à medida que a categoria etária avança, há um aumento significativo das cobranças e da pressão exercida pelos adultos.

Tabela 3 – Comportamento da torcida segundo a categoria infantil

Categoria	Predominância comportamental	Exemplos de falas
Sub-07	Incentivo lúdico	“Muito bem, se diverte” / “Tá ótimo meu amor”
Sub-09	Orientações moderadas e cobranças	“Presta atenção!” / “Ajuda o colega!”
Sub-13	Cobrança intensa e foco no resultado	“Tem que ganhar!” / “Não pode errar um gol assim”

Fonte: Elaboração própria (2025), com base nas observações de campo realizadas nos jogos de futsal infantil.

Na categoria Sub-07, predominaram comportamentos de incentivo e acolhimento, enquanto nas categorias Sub-09 e, principalmente, Sub-13, emergiram manifestações mais competitivas e exigentes.

Esse padrão evidencia a antecipação de uma lógica competitiva no esporte infantil, fenômeno amplamente discutido por Machado (1997) e Castelani (2021), que alertam para os riscos da adultização precoce das práticas esportivas, especialmente quando o prazer e o caráter educativo do jogo são substituídos por exigências típicas do esporte de rendimento.

8.4.COMPORTAMENTO DA TORCIDA SEGUNDO A NATUREZA DOS JOGOS

A natureza dos jogos mostrou-se um fator determinante para a intensidade dos comportamentos observados. Jogos amistosos apresentaram ambiente mais leve, enquanto campeonatos foram marcados por maior tensão emocional.

Tabela 4 – Comportamento da torcida segundo a natureza dos jogos

Tipo de jogo	Comportamentos predominantes	Exemplos de falas
Amistosos	Incentivo e tolerância ao erro	“Faz parte” / “O importante é jogar”
Campeonatos	Cobrança, contestação e hostilidade	“Juiz fraco!” / “Isso é falta!”

Fonte: Elaboração própria (2025), com base nas observações de campo realizadas nos jogos de futsal infantil.

Esses achados estão em consonância com Reis (2006), que aponta a competição formal como elemento organizador das tensões no futebol, e com Murad (2017), ao afirmar que ambientes altamente competitivos favorecem manifestações de violência simbólica. Relatórios recentes do Observatório da Violência no Futebol (UERJ, 2024) indicam que comportamentos hostis de adultos em jogos de base têm motivado intervenções institucionais, como a realização de partidas sem público.

8.5.VARIAÇÕES DE COMPORTAMENTO DA TORCIDA QUANTO À INSTITUIÇÃO PROMOTORA

As observações também revelaram que o tipo de instituição promotora do evento influencia o comportamento dos adultos.

Tabela 5 – Variações de comportamento da torcida quanto à instituição promotora

Tipo de instituição	Clima observado	Características das torcidas
Escola	Educativo	Incentivo e mediação adulta
Projetos sociais	Formativo	Valorização da participação
Clubes/Escolinhas privadas	Competitivo	Cobrança por desempenho

Fonte: Elaboração própria (2025), com base nas observações de campo realizadas nos jogos de futsal infantil.

Em ambientes escolares e projetos com orientação pedagógica explícita, notou-se maior controle emocional e incentivo positivo. Já em clubes e escolinhas voltadas ao rendimento, as cobranças foram mais frequentes.

Ferreira (2017) contribui para essa análise ao compreender o futebol como um espaço de produção de territorialidades simbólicas, nas quais normas institucionais influenciam diretamente os modos de torcer. Assim, instituições que reforçam valores educativos tendem a favorecer experiências esportivas mais saudáveis para as crianças.

De modo geral, os resultados evidenciam que o comportamento da torcida adulta no futsal infantil não é neutro, constituindo-se como elemento ativo na produção de experiências esportivas positivas ou negativas. As manifestações observadas revelam a presença de violência simbólica, pressões por desempenho e reprodução de valores do futsal adulto. A presença de tais comportamentos em contextos formativos revela um paradoxo: os adultos que deveriam mediar à experiência esportiva das crianças acabam, muitas vezes, tensionando o ambiente educativo. Conforme aponta Reis (2006), o comportamento da torcida não se constitui de forma isolada, mas é diretamente influenciado pelas interações que ocorrem no interior do jogo. A intensidade da partida, as atitudes de atletas, treinadores e arbitragem, bem como a forma como

o espetáculo esportivo é conduzido, tendem a produzir respostas emocionais na arquibancada. Nesse sentido, comportamentos observados em quadra, como reclamações constantes, gestos de contestação e discursos excessivamente voltados ao rendimento, podem legitimar manifestações semelhantes por parte dos espectadores. Essa interpretação é corroborada pelas observações desta pesquisa, nas quais foi possível perceber que as reações da arquibancada variavam conforme o placar, intensificando-se nas situações de derrota.

Um dos meninos observados, ao final da partida, saindo da quadra conversando com um colega relatou: “Eu gosto da torcida, mas fiquei assustado que gritaram comigo.” Esse tipo de fala reforça que a presença da torcida não é neutra, ela carrega dimensões emocionais e simbólicas que podem interferir no prazer e na autoconfiança das crianças. Rafael Moreno Castelani (2021) argumenta que a violência verbal e simbólica no futebol de base compromete o sentido lúdico e pedagógico da prática esportiva, pois transforma o jogo em espaço de validação do adulto, e não de expressão da criança.

Além disso, observou-se que, nas categorias mais jovens (Sub-07 e Sub-09), os comportamentos agressivos eram mais frequentes entre homens (pais e treinadores), enquanto as mulheres demonstravam maior tendência a incentivar ou acalmar as crianças. Essa diferença de postura reforça o que Nicolas Cabrera (2019) identifica como traço de masculinização do esporte, no qual o futebol é visto como território de afirmação de virilidade e domínio simbólico.

O Observatório da Violência no Futebol (UERJ, 2024) alerta que, mesmo em categorias infantis, há indícios crescentes de discursos agressivos naturalizados nas arquibancadas, muitas vezes travestidos de “motivação”. Esse tipo de comportamento produz efeitos emocionais duradouros sobre as crianças, que passam a associar o erro ao fracasso pessoal e à desaprovação social.

Nas observações desta pesquisa, comportamentos de cobrança e hostilidade surgiram tanto em competições escolares quanto em torneios de clubes, mas eram mais intensos em campeonatos com caráter classificatório. Em contrapartida, nos amistosos, prevaleceram interações mais afetivas, com expressões de encorajamento. Isso indica que o contexto competitivo também molda as manifestações da torcida, corroborando o que Murad (2017) e Reis (2006) descrevem como a internalização da lógica de resultado no imaginário esportivo brasileiro.

Portanto, ao analisar o comportamento dos adultos durante os jogos, percebe-se que o ambiente esportivo infantil é um espaço onde se entrecruzam dimensões educativas, afetivas e violentas. As manifestações da torcida, sejam elas positivas ou negativas, revelam tanto a potência do futsal como instrumento de formação quanto seus riscos como reprodutor de práticas de dominação e exclusão simbólica.

Esses achados reforçam a necessidade de repensar as práticas de acompanhamento familiar no esporte infantil, enfatizando processos de educação parental e formação ética para torcedores. Iniciativas recentes, como o projeto “Pais de Castigo” da Federação Paulista de Futebol (CNN BRASIL, 2024), indicam uma tentativa institucional de conter esses comportamentos, buscando restabelecer o caráter pedagógico e seguro das experiências esportivas das crianças.

Entretanto, medidas punitivas mostram-se limitadas se não estiverem articuladas a uma compreensão mais ampla da ética no esporte infantil. A ética aqui defendida não se restringe ao fair play ou ao cumprimento das regras do jogo, mas corresponde a uma ética educativa e relacional, fundamentada na responsabilidade dos adultos diante da experiência formativa da criança. Trata-se de reconhecer que a presença na arquibancada também educa, produz sentidos e influencia trajetórias. Sem esse compromisso ético, o esporte de base corre o risco de reproduzir a lógica do rendimento e da rivalidade própria do universo adulto, esvaziando sua função pedagógica.

Assim, compreende-se que o comportamento da torcida, quando mediado por valores de respeito, incentivo e empatia, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento integral das crianças; contudo, quando permeado por cobranças e agressividade, transforma o jogo em espaço de tensão, desviando-o de sua função educativa e lúdica.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o comportamento de adultos, especialmente pais e responsáveis, durante jogos de futsal infantil na região dos Inconfidentes, buscando identificar padrões de manifestação, diferenças de gênero, variações conforme categoria etária e natureza da competição. Os resultados demonstraram que o ambiente dos jogos não se configura como espaço neutro, mas como território de produção de significados sociais, educativos e simbólicos.

As observações evidenciaram que as manifestações adultas oscilam entre o incentivo afetivo e a pressão desproporcional, revelando a coexistência de duas lógicas distintas: de um lado, o esporte como experiência lúdica e formativa; de outro, a internalização da cultura do rendimento e da vitória, historicamente consolidada no futebol brasileiro. Nesse contexto, a torcida mostrou-se agente ativo de socialização, influenciando diretamente a forma como as crianças vivenciam o jogo.

Quando pautadas no encorajamento e no apoio emocional, as atitudes da arquibancada contribuíram para o fortalecimento da autoestima, da autoconfiança e do prazer pela prática esportiva. Em contrapartida, comportamentos de cobrança excessiva e hostilidade revelaram a presença de violência simbólica, capaz de gerar insegurança, medo de errar e perda do protagonismo infantil. Tais manifestações evidenciam que o modo como os adultos torcem pode reforçar ou fragilizar o caráter pedagógico do futsal de base.

Observou-se ainda que a intensificação da competitividade — especialmente em campeonatos classificatórios e nas categorias mais avançadas — esteve associada ao aumento de manifestações agressivas, sugerindo que, à medida que a criança cresce, o esporte passa a ser percebido por parte dos adultos menos como espaço de formação e mais como cenário de desempenho e validação social. As diferenças de comportamento entre homens e mulheres também apontam para a influência de construções culturais relacionadas à masculinização do esporte e à forma socialmente legitimada de expressar competitividade.

Diante desse cenário, iniciativas institucionais de restrição e controle de condutas, como protocolos disciplinares voltados aos responsáveis, mostram-se respostas importantes para a contenção imediata de comportamentos hostis. Contudo, este estudo indica que medidas punitivas isoladas são insuficientes para promover transformações duradouras. Torna-se necessário investir em processos formativos contínuos junto às famílias, orientados por uma

ética educativa e relacional, que reconheça a responsabilidade dos adultos na constituição da experiência esportiva infantil.

A ética defendida neste trabalho não se limita ao fair play ou ao cumprimento das regras do jogo, mas fundamenta-se na compreensão de que a presença adulta na arquibancada possui dimensão formativa. Torcer também educa. Assim, a construção de uma cultura esportiva mais respeitosa exige que pais e responsáveis assumam postura coerente com os princípios pedagógicos do esporte de base, compreendendo que a criança deve ser reconhecida como sujeito em desenvolvimento, e não como extensão das expectativas adultas.

Por fim, este estudo não pretende encerrar a discussão, mas contribuir para o aprofundamento das reflexões sobre o esporte infantil como fenômeno social e educativo. Sugere-se que futuras investigações ampliem o recorte geográfico e acompanhem longitudinalmente os impactos dessas dinâmicas comportamentais. Espera-se que os resultados aqui apresentados possam subsidiar a atuação de profissionais de Educação Física, gestores e instituições, fortalecendo práticas que garantam ao futsal infantil seu caráter prioritariamente formativo, ético e humanizador.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. H.; SOUZA, R. M. A influência dos pais no envolvimento da criança com o esporte durante a iniciação esportiva no futebol em uma escolinha de Campo Bom-RS. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, v. 8, n. 30, p. 256-268, 2016.
- ALVES, Y. C.; BECKER, A. P. S. Prática Esportiva e Relacionamento Familiar: Uma Revisão da Literatura. *Pensando Famílias*, v. 25, n. 2, p. 31-47, dez. 2021.
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BECKER, B. J.; TELOKEN, E. A Criança no Esporte. In: BECKER, B. J. *Manual de Psicologia do Esporte & Exercício*. Porto Alegre: Ed. Nova Prova, 2000. p. 131-156.
- BJORKUND, D. F. The role of immaturity in human development. *Psychological Bulletin*, v. 122, n. 2, p. 153-169, 1997.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOIXADÓS, M.; MIMBRERO, J.; CRUZ, J. O esporte e a socialização infantil. *Revista de Psicologia do Esporte*, 1998.
- BRACHT, V. *Educação física e aprendizagem social: possibilidades e limites pedagógicos do esporte escolar*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.
- BUTT, D. S. *Psychology of sport: the behavior, motivation, personality and performance of athletes*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.
- CABRERA, Natália. Masculinidades e futebol: expressões da violência simbólica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 2019.
- CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Edições 70, 1990.

CARVALHO, A. M. A.; PONTES, F. A. R. Brincadeira é cultura. In: CARVALHO, A. M. A. et al. (org.). Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca. Vol. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CARVALHO, A. M. Desporto escolar: inovação pedagógica e nova escola. Lisboa: Caminho, 1987.

CASTELANI, R. M. Futebol e infância: experiências e tensões no jogo. Revista Movimento, 2021.

CNN BRASIL. FPF fecha portões de jogos da base após comportamentos hostis de adultos. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/fpf-fecha-portoes-de-jogos-da-base-apos-comportamentos-hostis-de-adultos/>. Acesso em: 24 set. 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. Futsal. 2015. Disponível em: <https://www.cbfs.com.br/2015/futsal/origem/index.html>. Acesso em: 07 maio 2025.

COSTA, Alexandre. A influência dos pais no desenvolvimento esportivo infantil. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, v. 3, n. 1, p. 45-58, 2017.

CRATTY, B. J. Psicologia do esporte. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

DELFORGE, C.; LE SCANFF, C. Parental influence on tennis players: case studies. Revista Psicología del Deporte, v. 15, n. 2, p. 233-248, 2006.

DINIZ, Ana Paula; PEREIRA, Marcos. O papel da educação física na formação esportiva infantil. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 2, p. 215-230, 2014.

FERREIRA, Fernando da Costa. O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: o novo Maracanã. 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FILGUEIRA, F. M.; SCHWARTZ, G. M. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, v. 7, n. 2, p. 245–253, 2007.

FOLLE, A. et al. Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. *Journal of Physical Education*, v. 29, e2914, 2018. DOI: 10.4025/jphyseduc.v29i1.2914.

FONSECA, G. M. M.; STELA, E. S. Família e esporte: a influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. *Kinesis*, v. 33, n. 2, p. 41-60, 2015. DOI: 10.5902/2316546420723.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2001.

GAYA, A.; TORRES, L. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 57-74.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. Supporters, followers, fans, and flâneurs: a taxonomy of spectator identities in football. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 26, n. 1, p. 25–46, 2002.

GLOBO ESPORTE. Futsal conquista espaço e interesse da audiência no Brasil. 20 set. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/sc/especial-publicitario/futsal-joinville-krona/futsal-joinville/noticia/2023/09/20/futsal-conquista-espaco-e-interesse-da-audiencia-no-brasil.ghhtml>. Acesso em: 23 out. 2026.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

MACHADO, A. A. *Psicologia do esporte: temas emergentes I*. Jundiaí: Ápice, 1997.

MACHADO, A. A.; PRESOTO, D. Iniciação esportiva: seu redimensionamento psicológico. In: BURITI, M. A. (Org.). *Psicologia do esporte*. Campinas: Alínea, 1997. p. 19-48.

MELO, Ricardo; SOUZA, Fernanda. Desenvolvimento infantil e esporte: contribuições para a formação integral. *Revista Educação Física em Foco*, v. 9, n. 2, p. 120-134, 2018.

MURAD, M. *A violência no futebol: novas reflexões sociológicas*. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

NEELY, K. C.; HOLT, N. Parents' perspectives on the benefits of sport participation for young children. *The Sport Psychologist*, v. 28, n. 3, p. 255-268, 2014. DOI: 10.1123/tsp.2013-0094.

NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 28, n. 1, p. 1-10, 2014. DOI: 10.1590/S1807-55092014005000004.

OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL (UERJ). Relatório Anual de Violências no Futebol Brasileiro. 2024. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/wp-content/uploads/2024/11/Relatorio-Violencias-no-Futebol-Observatorio-Social-do-Futebol.pdf>. Acesso em: 24 set. 2025.

PORTAL DE EDUCAÇÃO. Desenvolvimento Motor. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/>. Acesso em: 30 set. 2025.

REIS, H. Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. *Revista Paulista de Educação Física*, 2006.

RUBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. *Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, v. 6, n. 119, p. 95, 2002.

SAMULSKI, Dietmar. *Psicologia do esporte*. Barueri: Manole, 2002.

SILVA, Roberto. *Futsal no Brasil: formação de atletas e o impacto na sociedade*. São Paulo: Phorte, 2015.

SULLIVAN, J. A.; ANDERSON, S. J. Cuidados com o Jovem Atleta: enfoque interdisciplinar na iniciação e no treinamento esportivo. Tradução de E. Carvalho Freire e Cláudio Flausino de Oliveira. Barueri: Manole, 2004.

TODAMATERIA. Futsal/Origem do futsal/ Futsal no Brasil/Educação Física. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/futsal/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

TORREGROSA, M. et al. El clima motivacional y el estilo de comunicación del entrenador como predictores del compromiso en futbolistas jóvenes. *Psicothema*, v. 20, n. 2, p. 254-259, 2008.

TRIVELA. A luta para acabar com clima tóxico na base. 2025. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/futebol-base-violencia-luta-federacoes/>. Acesso em: 24 set. 2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Emoção e Esporte: As Relações entre Pais e Filhos numa Experiência com o Futebol. Revista da Educação Física, v. 18, n. [s.n.], p. 435-438, 2007.

VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (ed.). Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Health, 2002. p. 09-26.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. Fundamentos do esporte e do exercício. 2. ed. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

APÊNDICE A- MODELO DE NOTA DE CAMPO UTILIZADA

Notas de Campo - Futsal Infantil

 **Data e horário:** 09/12/2025 – 11h30

 **Categoria:** Sub-07 ; Sub-09; Sub-13

 **Tipo de competição:** Amistoso ou campeonato

 **Instituição promotora:** Escolas; clubes privados; instituições sociais.

Exemplos de falas nas observações:

- - Um adulto gritou: 'Vai pra cima, garoto!' (tom enérgico)
- - Uma mulher comemorou um passe certo com palmas
- - Um senhor orientou o criança no intervalo sobre posicionamento
- - Crianças repetiam falas dos adultos como: 'Chuta logo!'

Categorização:

 **Apoio positivo:** 2

 **Cobrança excessiva:** 0

 **Interação construtiva:** 1

 **Interação destrutiva:** 1

Reflexões:

Torcida muito calma, incentivando as crianças e comemorando em situações de chances de gols. As mulheres geralmente com comentários mais afetivos.

Fonte: Elaboração própria (2025).